

Saúde e Fenomenologia

Nichan Dichtchekian

Fenomenologia pode ser compreendida como o esforço de apreensão das formas de ser e, no caso das profissões ligadas ao Homem, como o esforço de apreensão das formas de conhecimento a respeito do Homem. Inicialmente, a Fenomenologia se constitui como uma atividade crítico-reflexiva, no sentido não de rechaçar esta ou aquela forma de conhecimento mas, ao descrever o que uma forma de conhecimento é, de situar seus limites e seu poder próprio de realização. Nas chamadas ciências do Homem, esta atividade crítico-reflexiva tem sido, desde Husserl, frequente, constante e muito fértil: trata-se de trazer à luz que concepção de Homem se está construindo e aprofundando com o uso dos métodos, dos “caminhos para”, que as diversas teorias adotam. A identificação desta visão de Homem que um olhar fenomenológico captura nas diferentes teorias, tem o sentido de, ao situar seu alcance e limites, oferecer à reflexão a oportunidade de perceber que o saber está umbilicalmente ligado ao modo, ao método (e técnicas) empregados, e, portanto: 1) novos métodos revelarão características inéditas do Homem e 2) há métodos (e técnicas) que são o caminho certo, adequado para revelar o Homem na sua particularidade; ele, o Homem, é peculiar e distinto dos outros entes, dos outros “seres”.

No que diz respeito à primeira conclusão - novos métodos implicam em novos conhecimentos - , não há nem novidade, nem privilégio da reflexão fenomenológica. A história da cultura ocidental, notadamente dos últimos duzentos anos, é, também, a história de novos olhares, novas escutas que ampliam, diversificam, revolucionam o saber do Homem. Podemos dizer, aí, que as diferentes propostas teóricas, as diferentes inquietações de Homens desadaptados, inconformados e reflexivos criam rupturas no saber estabelecido e inauguram mundos inéditos.

Repetindo, isso não é privilégio do pensamento fenomenológico, é privilégio do pensar, de um pensar que muito frequentemente precisa de um isolamento, precisa renunciar ao bem-estar do pertencimento, precisa viver um mal-estar do diferente para poder enxergar novos aspectos da verdade do mundo. Na história ocidental tem sido muito freqüente esse movimento de ruptura e reinauguração do saber.

A segunda conclusão – há métodos adequados para irmos ao encontro do Homem, ele-mesmo – quer dizer que , se adotarmos método e técnicas comuns a diferentes âmbitos da realidade cognoscível, com certeza encontraremos um saber verdadeiro a respeito de todo esses âmbitos, mas perderemos a especificidade de cada um deles, especialmente a do Homem. Cada ente, cada “ser”, habita um lugar que é o seu no mundo; o lugar habitado pelo Homem é único – portanto, o modo, o método, o caminho para nós chegarmos até o seu lugar, até o lugar habitado pelo Homem é diferente dos outros caminhos.

E que lugar é este? Que lugar é este que nós podemos chamar de casa do Homem no mundo?

Ao irmos ao encontro da casa do Homem, ao lugar onde ele vive de uma maneira serena e feliz, podemos encontrar o sentido de ser mais próprio dele, em que ele nos mostra sua intimidade: o Homem é existir.

A palavra existir é utilizada na terminologia fenomenológica resgatando o seu sentido original do latim: existir quer dizer, numa tradução livre para nós, ser para fora. Existir, por ser atribuído exclusivamente ao Homem, exige de nós um acompanhamento compreensivo muito delicado e atento, com uma consciência crítica muito presente e aguçada, para evitar uma contaminação por pré-conceitos, pré-compreensões, os quais estabelecem previamente um rumo para as conclusões quanto ao que é próprio ao Homem.

Então, munidos de um interesse genuíno, vivo, quase infantil pelo Homem e, ao mesmo tempo, atentos às armadilhas inevitáveis nas quais caímos, por força de atribuições ao Homem de características que, embora pertencentes a ele, não o diferenciam de outros entes, percorremos o caminho para , o caminho em direção ao Homem; temos aí o método na sua acepção original e própria: meta-odos = caminho para um lugar.

Neste ponto, no ponto em que há uma articulação mutuamente implicada do interesse, da paixão, da atração com a consciência crítica, reflexiva alcançamos um novo momento da presença da Fenomenologia: ela não é mais, somente, consciência crítica, como fora nos seus primórdios, a partir de Edmund Husserl.

A Fenomenologia, ao amadurecer como prática e aprofundamento reflexivo, percebe, e propõe claramente, que o que possibilita a consciência crítica, o que fornece à reflexão o próprio motivo de sua presença, é o comprometimento vivido pelo Homem.

Então, Fenomenologia adquire um status de amadurecimento ao se apresentar, enquanto conhecimento, enquanto saber, como a adoção de um vivo interesse por algo e, simultaneamente, como uma crítica, não para refrear, amornar o interesse, mas para orientar, para estimular o interesse, a paixão, a manterem uma fidelidade ao caminho originalmente percorrido. Percorrer um caminho significa, fenomenologicamente, que eu já antevejo o lugar para onde vou. Na medida em que vivo o caminho, vou percebendo tudo o que à minha frente se mostra e aparece.

A recomendação do trabalho fenomenológico é continuar esse caminho, percorrer aquilo que a percepção indica sem tirar conclusões que buscariam adiantar o que se vai encontrar. Isso constituiria um pré-conceito.

O preconceito é um modo de nós lidarmos com a presença do ser através de um ente peculiar, que atenua, que suaviza, encobre o sentido original e inédito de ser deste ente e o envia a um sentido já conhecido, já dado e, portanto familiar a nós.

No entanto, o sentido próprio e irrecusável de sermos homens – um modo peculiar de ser ente entre outros entes – é o de sermos espaço para que os outros entes sejam visíveis. Nós, humanos, somos um modo de ser peculiar de perceber e nomear o modo de ser dos outros entes, distinguindo-os como eles mesmos e os iluminando na sua especificidade.

Dizíamos que existir, ser para fora, é o que caracteriza o Homem como tal, como Homem; não só no que ele é semelhante aos outros entes, mas no que ele é privativamente - existência.

Se existir é “ser para fora”, quer dizer, inicialmente, que o Homem é disponibilidade para. Mas disponibilidade para o quê? Para tudo aquilo que o alcança, que o toca – então o Homem é sensibilidade, sensibilização. Disponibilidade quer dizer, também, que o Homem é abertura, isto é, o Homem é um ente, cujo modo de ser é ser tocado, provocado por algo (ou alguém) diferente de si, que, mesmo semelhante, como é o caso de outro Homem, jamais será igual a ele.

A existência como abertura, como disponibilidade para o que não é, nem será igual a mim, para o que desperta a minha atenção, nos remete a mais um aspecto, que é o da transcendência – o Homem como abertura, disponibilidade, ser para fora é transcendência, é ir além de si, é verdadeiramente acolher em si o diferente de si, os outros entes, reais ou imaginários. E acolher, aqui, quer dizer testemunhar, nomear aquilo que, por força de sua própria característica inevitavelmente o toca, o chama para ser nomeado, para ser tirado do anonimato, do nada.

Quando dizemos que o Homem é disponibilidade para, enquanto transcendência, queremos dizer: sem o Homem o que é o mundo? A possibilidade do Homem de nomear, acolher em si algo que não é ele e lançar-lhe uma luz faz com que aquilo que estava na obscuridade apareça. O ente responsável pela iluminação e pela identificação de tudo o que é, é o ente Homem. Ele não dá vida às coisas, ele as ilumina. Antes do Homem as coisas são apenas possibilidades de ser. Ser Homem, então no seu modo peculiar e próprio de ser, é ser a possibilidade de iluminar, de dar contornos significativos, nítidos aos outros entes e alcançar uma compreensão dos outros homens. Compreender outro Homem, fenomenologicamente, não é aceitar ou rejeitar o seu modo de ser, mas acompanhar e perceber a necessidade vivida pelo outro de ser como ele é.

A tarefa do Homem no mundo junto aos entes, os reais e os imaginários, os palpáveis e os impalpáveis, a tarefa do Homem é ser esse espaço onde cada ente tem a oportunidade de adquirir consistência de ser, porque é percebido, é nomeado, é estudado, é abordado.

Nossa tarefa é nos mostrarmos disponíveis para que os entes falem de si através de nós.

A propósito, o significado dos entes já é a presença deles. O significado que eu atribuo a cada ente mostra o ente na sua essência. O conteúdo do significado não me pertence. O que pertence a mim é a responsabilidade de acolher o ente e fazer com que a característica própria dele apareça através de mim. Os outros entes não são criação do Homem, eles existem por si mesmos, mas sem o Homem eles vivem no sem-nome. Nós somos testemunhas dos outros entes. O significado do ente é inesgotável porque ele vai surgindo de acordo com cada novo olhar que o visualiza, de acordo com cada nova iniciativa do Homem em relação a ele. Por isso, para a Fenomenologia o saber é

inesgotável, o saber não é uma questão de tempo, como nós, Homens do século XIX pensávamos: epistemologicamente, nós achávamos que o saber era uma questão de tempo e de tecnologia, que quando a tecnologia fosse o mais apurada possível, haveria um esgotamento daquilo que se poderia conhecer, porque a natureza essencial do ente já estaria determinada. A determinação como objetivo de entrar em contato com o modo de ser essencial dos entes, inclusive o Homem, estabelece a verificabilidade e o manejo controlador como um modo de relação do Homem com os entes.

Para a Fenomenologia, a inesgotabilidade do saber não é meramente uma petição de princípio, uma hipótese de trabalho conveniente para ajustar suas convicções. A inesgotabilidade é fundada na percepção e reflexão que encontram a verdade do ser na relação direta com um modo de ser do Homem que lhe serve de veículo. Assim, novos tempos, novas eras significam novas modalidades de abertura do Homem para com os entes e com estas novas aberturas, novos sentidos de ser dos entes.

As novas modalidades de abertura são, na verdade, experiências de um alcance transformador, revolucionário para o Homem que as vive. Trata-se de viver de um modo irresistível e angustiado, extremamente atraente e muito temerário o acolhimento, o contato com o novo, o terrivelmente novo, porque nos desaloja do nosso chão, da nossa familiaridade.

A experiência de ser tocado e de ser ver e sentir transformando-se, abre, para cada um de nós, a oportunidade de ser testemunha e protagonista de um novo tempo, de uma nova vida.

Quando toda uma geração vive pessoalmente esta experiência nova e irreversível inicia-se a maturação e o preparo de uma nova era, de uma nova época. Aliás História não quer dizer simplesmente o recenseamento dos fatos e datas escolhidos arbitrariamente, mas significa o rompimento dos valores e das práticas de uma época e a inauguração e renovação de um novo modo de viver e de presença do Homem, o que resulta no desvelamento, no descobrimento de aspectos inéditos do mundo e dos homens.

Cada Homem, na sua singularidade distintiva, naquilo até que o constringe frente aos outros, porque ele pode ser diferente, desajustado, errado, desajeitado, cada Homem vive a tarefa de acolher em si, de um modo original e único, aquilo que os

outros entes lhe trazem: a sua presença. Pelo acolhimento da presença dos outros entes, cada Homem ilumina, dá transparência e nome, oferece a estes outros entes a oportunidade sagrada deles poderem ser, porque foram testemunhados, nomeados, iluminados no seu aparecimento. Porque existir é ser transcendência de si, abertura para o outro, nomeação de tudo que é, podemos compreender, isto é, conhecer o modo próprio de ser do Homem. Compreender é alcançar a absoluta especificidade de um modo de ser distinto do seu. É viver o contato com o modo de ser íntimo de cada Homem.

Esta concepção de Homem propicia algumas reflexões em relação à saúde.

Os profissionais da saúde professam e aceitam a responsabilidade de acolher, de receber, de estar abertos a outros Homens que vêm ao seu encontro à procura da restauração, ou da melhoria da saúde, porque vivem a ameaça de não mais ser.

Esta relação, culturalmente e, portanto, humanamente estabelecida entre profissionais da saúde e pessoas que deles necessitam é uma modalidade, uma das maneiras pelas quais se dá o existir do Homem como disponibilidade para outros entes: o profissional da saúde é aquele que, por sua peculiar e própria maneira de estar aberto a, cria um espaço para ser ocupado pela pessoa em busca de saúde, que encontrará aí, neste espaço de acolhimento e escuta que é o profissional, a oportunidade de se enxergar, de se perceber de uma maneira clara.

Todo o aparato tecnológico nascido de séculos de pesquisa e inquietação, está simplesmente a serviço de aperfeiçoar o instante de percepção vivido pela pessoa aflita com sua saúde.

Se compreendermos enxergar e perceber como singelos e prosaicos momentos de satisfação e apaziguamento das aflições, nosso trabalho como espaço de disponibilidade estará muito medianamente estabelecido.

No entanto, se nos aprofundarmos no sentido existencial desta busca de percepção, compreenderemos que ela é fundamental como ato, vivido por cada Homem, de busca do sentido do existir mesmo. Além disso, o existir, no que nos diz respeito como profissionais da saúde - disponibilidade para com os outros - é o que oferece a tranqüila certeza de um sentido de ser por nós mesmos e preenche o nosso existir de uma única e insubstituível presença para aqueles que nos procuram.

Isso significa também que nós profissionais não somos uma presença onipotente em relação às pessoas, somos aqueles que, frente ao sofrimento somos chamados a nos interrogar a respeito de nós mesmos. A nossa afetabilidade em relação ao sofrimento do outro nos torna mais verdadeiramente presentes na existência dessa outra pessoa.

Na Fenomenologia, há, além disso, uma palavra que sintetiza a natureza deste contato entre duas pessoas que vivem, cada qual a seu modo, a saúde; ela é denominada cuidar.

Cuidar, fenomenológico-existencialmente, quer dizer se ocupar e se preocupar em oferecer àquele que está sendo cuidado as condições para que ele desenvolva, faça crescer as suas genuínas e autênticas maneiras de ser. Cuidar ou curar é cultivar as condições para que um Homem possa encontrar a sua maneira mais própria de ser Homem. A saúde, sob um ponto de vista existencial não é só o quanto meu organismo é supostamente saudável, mas o quanto a minha mobilização como pessoa, no meu existir, tem um sentido para mim.

A pessoa que vive um momento terminal da sua vida, vive uma oportunidade que se impõe e é primordial para ela. Ela tem a oportunidade definitiva e fundamental de interrogar-se a respeito de sua própria existência, daquilo que sempre lhe é caro, daquilo que ela realizou. Tomar posse do sentido de suas decisões, de suas hesitações e de seus fracassos, dos seus amores e de suas indiferenças é um ato sagrado de apropriação do seu existir.

Portanto, cuidar de alguém não é ter como ponto de chegada um modelo de saúde que nós, como profissionais, elegemos ou elegeram por nós; os modelos de saúde não são errôneos ou equivocados como propostas, mas pecam por se constituírem em únicas e exclusivas referências de bem-estar.

Nossa tarefa como profissionais da saúde é oferecer à pessoa que nos procura, através do nosso respeito e acolhimento, a oportunidade dela se liberar para cuidar verdadeiramente de si-mesma, se constituir como vida, numa serena e obstinada busca de um sentido de ser.

Ser uma pessoa saudável, na plenitude da sua possibilidade mais própria de ser, é ser alguém que é mobilizado pela procura de um sentido de ser.